

TOMIE, A INCANSÁVEL

Olívio Tavares de Araújo

Tive o enorme prazer de apresentar, nos catálogos, as duas exposições de gravuras em metal que Tomie Ohtake realizou pelo Brasil em 1987 e 1993. Posso, assim, dizer que acompanho de perto, e já há um bom tempo, suas incursões por outras técnicas que não aquela que a notabilizou: a pintura sobre tela. Desde que a conheço, aliás – e lá se vão quase trinta anos! –, Tomie sempre foi uma incansável experimentadora, jamais se acomodando a uma determinada linguagem, a um determinado universo circunscrito. Há grandes artistas que conseguem centrar suas setas em alvos aparentemente diminutos, cuja infinitude eles descobrem e exploram inesgotavelmente. É o caso de um Mondrian, um Malevitch, um Albers (este, levando sua proposta ao extremo de uma pintura serial de pura permutação cromática, dentro das mesmas estruturas predeterminadas); e, no Brasil, de um Volpi e um Arcângelo Ianelli. Há outros grandes artistas proteicos, que vivem permanentes avatares, transformando-se sempre, como o fantástico Picasso, que mudava de estilo a cada vez que mudava de mulher. Sem ter a mobilidade, a inconstância de Picasso, Tomie pertence a esta família dos que procuram incessantemente.

Nesse contexto, o da busca (que implica também na vontade de permanente superação de desafios), deve ser colocada a produção de Tomie na área escultórica, restrita, mas inconfundível, bem como as recentes incursões por painéis e murais em vidrotil, como o que ela doou ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Mas antes de falar dos murais, gostaria de discutir uma escultura específica, que foi um polêmico divisor de águas na obra de Tomie. Refiro-me à “estrela do mar” (chamê-mo-la assim, já que, mesmo que abstrata em sua essência, se assemelhava a esse molusco) que ela instalou nos anos 80 sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio. Muitos cariocas não gostavam da peça, que diziam ser agressiva ao entorno. Para mim, pelo contrário, a “estrela do mar” sempre me pareceu um jogo de formas harmonioso, típico daquela fase em que Tomie estava incorporando a seu repertório elementos circulares de conotação orgânica, e perfeitamente integrado no entorno, criando com ele um contraponto entre beleza natural e beleza fabricada pelo homem.

Será uma simples questão de julgamentos subjetivos e opostos? Não creio. O que aconteceu, isso sim, é que a vontade de Tomie de incursionar por novas técnicas, e o fato de que ela sempre tenha conseguido recursos para isso, graças a seu reconhecido prestígio, incomodaram um pouco aos que detinham certas reservas de mercado. O mesmo se passou em 87, com as gravuras em metal, que alguns gravadores criticavam em nome de um purismo corporativista, esquecendo que Tomie entrara na oficina de gravura e pusera (literalmente) mãos à obra.

Não paira, portanto, a meu ver, sobre a obra multifacetada de Tomie fora do campo da pintura – gravuras, esculturas e painéis – a menor suspeição quanto à legitimidade. Não pairam também dúvidas sobre a qualidade de sua investigação nos vários setores. A “estrela do mar”, repito, era bela (parece que hoje em dia não está mais na lagoa), assim como são belos e perfeitamente adequados ao contexto os painéis em vidrotil da estação Consolação do metrô – quatro trabalhos monumentais, que permutam cores dentro de um mesmo desenho, para representar as quatro estações. Mais recentemente, como é correto acontecer, a própria técnica tem enviado seu *feed back* à esfera da criação, e os painéis em vidrotil têm tendido para formas definidas, mais chapadas, ou gestos recortados sobre o plano de fundo, em detrimento de texturas e transparências que seriam mais congeniais e naturais no universo da pintura. Aliás, exatamente o mesmo aconteceu também na obra gráfica, quando as especificidades da litografia, da serigrafia e do metal impuseram modificações à linguagem.

Além de legítima e rica, a produção extra-pictórica de Tomie revela, enfim, sua largueza de horizontes, e o que poderíamos chamar de uma generosidade do espírito. No caso específico dos painéis, comprova-se a preocupação cada vez maior com a obra pública. Nas gravuras (que podem, obviamente, ser compradas por um público mais amplo), poderíamos falar de democratização da posse; nos painéis, de democratização da fruição. Num país em que o espaço público, até por causa dos custos envolvidos, ainda é subutilizado, e as artes visuais permanecem quase um privilégio, só podemos saudar o desejo de Tomie Ohtake de conviver fraternalmente com os estudantes e professores da USP. De agora em diante, eles podem dialogar diariamente com seu painel no IEB. Obrigado, Tomie.

Agradecimentos

Marta Rossetti Batista

Entre o sonho e a realização, o IEB contou com o trabalho e a generosidade de muitos: Tomie Ohtake, entusiasmo sempre renovado, doando sua obra em homenagem aos 60 anos da USP e 32 anos do IEB; José Sebastião Witter, que

sonhou e tomou a iniciativa de procurar a artista, com o apoio de Regina Davidoff; Guilherme Franco e Maria Teresa Joia, encaminhando as providências para a execução da obra; Yole Pellicciotti, solucionando problemas.

O imprescindível patrocínio do Banespa e da Vidrotil viabilizaram o projeto.

Trabalharam na feitura e construção do mosaico: as equipes de Sérgio Secches e de Martins Chagas.

Cuidaram da montagem, documentação e divulgação desta homenagem à artista: o Gabinete e a Assessoria de Imprensa da Reitoria; a Coleção de Artes Visuais, o Serviço de Difusão Cultural e a Administração do IEB – e Olívio Tavares de Araújo.

A todos, os agradecimentos do IEB.